

LEITURA 1

DOCUMENTOS DA IGREJA – 60: O DOM DA FIDELIDADE, A ALEGRIA DA PERSEVERANÇA – ORIENTAÇÕES. Pág. 64 a 67

3. FAZER-SE ACOMPANHAR NO TEMPO DA PROVAÇÃO. A DIMENSÃO COMUNITÁRIA

Fraternidade: sustentáculo à perseverança

59. Sem uma boa vida fraterna o acompanhamento espiritual pessoal está exposto a muitos riscos. Está sempre à espreita da queda em uma relação intimista, privada de reais espaços de comunidade, na qual se narra ao outro aquilo que queremos ser, mas não aquilo que somos. A perspectiva de uma vida comum, entendida como *schola amoris*, leva-nos a focar naquilo que realisticamente pode se tornar ocasião de crescimento e de mudança. O Papa Francisco convida a *fazer casa, a criar casa*, para “permitir que a profecia tome forma e torne as nossas horas e nossos dias menos inóspitos, menos indiferentes e anônimos” (ChV, n. 217). Fazer casa “é tecer laços que se constroem com gestos simples, cotidianos e que todos nós podemos realizar. Um lar, todos o sabemos muito bem, precisa da cooperação de todos. Ninguém pode ser indiferente ou alheio, já que cada um é pedra necessária em sua construção” (ChV, n. 217). As comunidades de consagrados e consagradas, cada vez mais multiculturais, são formidável laboratório dessa fraternidade da diferença. Somos chamados a formar comunidade humanas, lugares de acolhida e elaboração dos limites; desse modo a fraternidade “constitui um válido sustentáculo à perseverança de muitos”.¹ Tal perseverança é realizada na medida em que são respeitadas certas condições que estão na base do processo de maturação interpessoal: que as pessoas sejam conscientes do próprio modo e entrelaçar relações e corresponsáveis pelas potencialidades emergentes do seu relacionamento recíproco. Essas duas condições têm notáveis consequências operativas no desenvolvimento transformador do grupo, porque ajudam a redescobrir o significado teleológico da convivência e estão estritamente coligadas ao sentido vocacional da própria existência.

Um estilo acolhedor

60. A primeira consequência diz respeito à capacidade de autotransparência, porque a consciência do limite é um apelo para olhar além dos fatos dolorosos. A experiência dos abandonos questiona as pessoas sobre o próprio estilo relacional, sabendo que “a unidade que devem construir é uma unidade que se estabelece ao preço da reconciliação”. Isso é possível com base em uma visão comum da vida entendida como preciosa ocasião para redescobrir a continuidade do projeto de Deus, embora na variabilidade das situações que se vivem.

¹ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. Instrução A *vida fraterna em comunidade*: Congregavit nos in unum Christi amor. Roma, 2 de fevereiro de 1994, n. 57.

Uma segunda consequência diz respeito ao cuidado que as pessoas prestam umas às outras. “Em comunidade verdadeiramente fraterna, cada um se sente corresponsável pela fidelidade do outro; cada um dá seu contributo para um clima sereno de partilha de vida, de compreensão, de ajuda mútua; cada um está atento aos momentos de cansaço, de sofrimento, de isolamento, de desmotivação do irmão; cada um oferece seu apoio a quem está aflito pelas dificuldades e pelas provações”.

Uma terceira consequência, que tem um caráter mais afetivo, diz respeito à experiência emotiva do grupo. De fato, as pessoas podem experimentar a passagem da insegurança a um estilo de amorosa apreciação recíproca, se redescobrirem o valor educativo do amor fraterno. Somente assim poderão estabelecer relações nas quais todos se sintam chamados a “serem responsáveis um pelo crescimento do outro, capazes de ajudar a ser ajudados, de substituir e ser substituídos”. Essa autêntica reciprocidade, fundada no exemplo de Jesus, ajudará os membros de cada comunidade religiosa e de toda realidade de vida consagrada a reencontrar o clima de confiança que encoraja a arriscar no próprio modo de amar, redescobrendo na vida fraterna o sentido de uma comunhão que fortifica o coração e derrota o medo das incertezas. Certos de que, também neste tempo de dificuldades, “o amor de Cristo, difundido em nossos corações, impele a amar os irmãos e irmãs até o assumir suas fraquezas, seus problemas, suas dificuldades. Em uma palavra: até a doar-nos a nós mesmos”.

Permanecer centrados, firmes em Deus

61. A história de cada um é tecida nas narrações das existências de irmãos e irmãs com os quais se partilha uma *con-vocação* que não é jamais casual, mas eixada ao providente desígnio de Deus, que transforma as histórias de cada um em um partilhado percurso de busca da sua Face. No cotidiano dos consagrados e consagradas “[carregar] os fardos uns dos outros” (Gl 6,2) significa aceitar os sofrimentos, as dificuldades, os mal-estares. Trata-se concretamente de fazer nosso o convite do Papa Francisco a “permanecer centrados, firmes em Deus que ama e sustenta. A partir dessa firmeza interior, é possível aguentar, suportar as contrariedades, as vicissitudes da vida e também as agressões dos outros, as suas infidelidades e defeitos: ‘se Deus está por nós, quem será contra nós?’ (Rm 8, 31). Nisto está a fonte da paz que se expressa nas atitudes de um santo. Com base em tal solidez interior, o testemunho de santidade, no nosso mundo acelerado, volúvel e agressivo, é feito de paciência e constância do bem. É a fidelidade (*pistis*) do amor, pois quem se apoia em Deus também pode ser fiel (*pistós*) aos irmãos, não os abandonando nos momentos difíceis, nem se deixando levar pela própria ansiedade, mas mantendo-se ao lado dos outros mesmo quando isso não lhe proporcione qualquer satisfação imediata” (GeE, n. 112).

Abreviações de títulos de Documentos presentes neste texto:

ChV – Chirstus Vivit

GeE – Gaudete et Exsultate